


O Estilingue

ANO VII - Nº 11 - DEZEMBRO 2012 A FEVEREIRO 2013

R\$ 10,00



**Volto para a minha infância, aonde corro de novo.
Corro entre becos e vielas de braços abertos!**

Em tempos onde o termo comumente cunhado: “liberdade de expressão”, que se confunde com o termo liberdade empresarial de comunicação, nós, do Coletivo de Escritores Periférico de Itajaí, brindamos o nosso querido público leitor com mais este manifesto literário, onde as vozes dissonantes da sociedade vêm expressar com todo o rigor e vigor que nos cabe.

Na eterna luta de se fazer presente e visíveis, nestes dias de comunicação de massa e mundializada, referenciamos nossos locais de origem (nossa africanidade e brasilidade), nossa cidade, país, nossa infância e, sobretudo os nossos mais profundos descobrisses.

Nessa edição, em especial, damos voz e vez para nossos amigos do movimento indígena, na fala de Ana Paula Kalantã, da etnia Indígena Pataxós. O mesmo na fala dos nossos amigos poetas, contistas e cronistas de Moçambique.

Um forte abraço e uma boa leitura para todos e todas.



CRÔNICA

moacir veiga
KIENAST



Esta é a Brava
que eu conheço!

PRAIA BRAVA

o final do vale

Há muito tempo, no longínquo final do século vinte, vislumbrou-se a Praia Brava como o cenário ideal de ambiente preservado. Ao mesmo tempo, tornou-se questão de status frequentar aquele pedaço de paraíso, atraindo os olhares de todo o mundo que aproveitava suas areias limpas e águas puras para definir um modo de vida agitado dia e noite, com festas regadas a música eletrônica.

O progresso chegou como uma moto serra sem botão de desligar, e foi deixando para o lado todo o interesse em se viver numa região que tem plena consciência ecológica.

E lá, no final do século XX, foi-se a esperança de manter um dos mais sensíveis e preservados ecossistemas do vale do Itajaí inalterado.

A porta do vale para espécies e o último resquício da ligação do interior ao mar pela natureza sofre mudanças abruptas dia após dia. Recebi o depoimento de um amigo que há seis anos não frequentava a praia, e o mesmo me disse:

- Esta não é a Brava que eu conheço!

Pois bem, nem eu.

Porém, o progresso tem seus descréditos e a região que já sofre em uma conturbação emergente avançou para a brava e seus dias de praia nativa estão contados. Resta, agora, saber até quando a natureza irá sobreviver, a água permanecerá limpa, as areias e as dunas intocadas e o sossego noturno de quem vive próximo a natureza pode desfrutar.

Moacir Veiga Kienast –
Frequentador da Praia
Brava, Bodyboarder,
Ambientalista, Funcionário
Público, Itajaiense.

GAZA

meu útero

À *Paulina Chiziane*

A Província dos meus olhos é uma flor que nunca murcha, as suas folhas estão pintadas de variadas cores, cores que reflectem vários sentimentos, sentimentos que nos tranquilizam, carregados de tanta emoção, fazendo-nos re(viver) nesta ponte de afectos que liga-nos de um passado glorioso à um presente nostálgico.

Nestes ultimamente a minha querida Gaza anda desalmada, carece de amor, falta-lhe uma voz amiga, pois Os Ventos do Apocalipse abocanharam a sua felicidade e o medo cobriu-lhe o tecto.

Dorme um sono secular, vive um pesadelo milenar, a natureza trancou-lhe as portas, e ela aceitou estar encarcerada em Mabalane, não se interessou em contratar um advogado, muito menos procurar ajuda dos amigos, ficou no silêncio das grades da sua angústia, nem a mim que num passado não muito distante juntos plantamos coqueirais de amor.

Quando cheguei a Província que tanto me esperava, constatei que algo mudou, o casebre transformado em Castelo, repleto de seguranças, empregados domésticos, e.t.c. uma prisão domiciliária,

creio que ela conseguia me ver, daí descobri a 8ª Cor do Arco-íris.

Bati a porta a 1ª, 2ª, 3ª vez e ninguém respondeu, mas de longe via-se monte de gente a circular no quintal, o meu último sentido despertou-me da letargia que me assombrava.

Oh pobre de mim, nas grandes casas já não se bati a porta, toca-se a campainha, a resposta veio à uma velocidade da luz, em seguida vieram os serviçais e atenderam-me.

– Com quem o senhor deseja falar? - Perguntaram-me

– Arrepiado de medo, e a tremelicar de incerteza, dei a seguinte resposta – com dona da casa.

– Quem é o senhor? Pois a senhora está a dormir, ela quando encontra-se neste estado não gosta de ser incomodada, espero que entendas, podes vir mais tarde? Se assim o achar conveniente, mas contudo deixe-nos com o seu nome.

De longe ouvia-se uma voz feminina, a perguntar oh José creio que era o nome do homem que estava a me aten-

...o casebre transformou-se em castelo...

der – não veio alguém me precisar?

- tem aqui um senhor que precisa da senhora – respondeu o José
- manda-o entrar - disse ela.

A sua voz planta respeito e felicidade no povo que a circunda, apesar dela não desfrutar dos mesmos. O corpo dela guarda segredos milenares tal como As mummies, os seus olhos são uma verdadeira caixa de surpresas, sei que quando cruzarem-se com os meus explodiram como a bomba atômica que destruiu Hiroshima e Nagasaki.

E os seus estilhaços irão cair nas mãos da potência do nosso amor, sobrevoarão à caminho do futuro nas asas das Andorinhas, tenho comigo uma pá para poder cavar os compartimentos do seu coração, bem sei que Gaza é de poucas palavras e muitas acções, diferente de outras mulheres que sonham, Gaza vive, ide-

aliza e concretiza.

Chegado a sala de visita onde ela estava sentada.

Pode sentar - disse ela com olhos boquiabertos, em seguida aproximou-se de mim e deu-me um abraço do tamanho do mundo, os empregados domésticos ficaram bastante surpresos, pois nunca tinham visto O Alegre Canto da Perdiz, instalou-se o silêncio, a realidade tinha traços de ficção.

Sabes há muito que precisa de conversar consigo, volvidos 12 anos tive a oportunidade de estar perto de ti, dada as circunstâncias desta auto-estrada da vida ,ora quando vinhas ao meu encontro não me encontravas e quando fazia o mesmo você estava em constantes viagens ,e neste instante nos encontramos.

A sociedade em que estou inserida nela esta contra a nossa relação amorosa, agitava-me para te deixar, te esquecer, cortar os laços que nos une.

- aquela provinciana não é digna do seu amor – diziam eles.

Davam-me dissolventes e eu resistia sempre, tal como fez o ngungunhane, assim transformei a minha palavra em flecha e o amor que uiva dentro de mim num arco. Saíamos deste lugar, pois algo diz de mansinho que este lugar tem alguma coisa de nefasta, caso continuemos sentados nesta mesa onde estamos sentados com os garfos e as facas que mal sabem dançar Niketche e muito menos sabem falar a nossa língua o nosso changana. Creio que de tanta inveja este lugar pode vir a restaurar estes nossos sentimentos ambulantes dando-lhes um outro ar.

- Princesa vamos – disse eu.

- Para onde meu amor – respondeu ela

Vamos sentar na esteira do rio Limpopo a sós, para melhor escutarmos A Balada do Amor ao só do vento

muhai

dinis

CARÁCTER



Biografia

Dinis Muhai, vive em Maputo. É co-fundador do Movimento literário Oásis (1997). Colaborou na revista literária brasileira Poesia Sempre. É autor da história em quadrinhos Nossos Direitos. Publicou o livro de poesia Rascunhos para uma comunicação improvável (Prêmio T.D.M na Modalidade Poesia, 2008).

A mata que existe por trás do meu quintal
chama por mim

Ensaio passos lentos e imperfeitos...
o momento de deter-me defronte
duma realidade ilusitada é mágico!
A minha mente é como a calma
que impera sobre as folhas
que se desligam dos ramos das árvores

A atenção que dispenso no percurso
que percorrem assemelha-se
a estar preso por um fio de cabelo
diante do abismo!

Agora, vejo a lógica de viver
livre de todos impositivos normativos.
Aceito a dignidade de morrer hasteando
a essencialidade do carácter.

O Estilingue

Os sapateiros da
calçada nº 1245
lixam as solas
com eloquência
e conhecimento.
Defronte deles
noutra calçada
moças esbeltas
de bicos finos
exibem pernas altas com
 vaidade. E os carros como
nuvens voam pelas faixas
num vai e vêm ensurdecador.
Numa das varandas do prédio
miranda crianças fingidas de
fuzileiros lançam seus jactos
de água gelada e evitam
o olhar das pessoas
que indignadas correm
com desprezo e raiva.
- rick, kres, flac, vriiim:
lixam as solas de luz
com artimanhas grácies
dos seus dedos de luz, os
sapateiros. E lá ao longe como
fantasmas, estátuas de bronze
empoeiradas encenam famosas
narrativas de esquecimento
- possa! e mais além, com dor
o mar vem e morre na margem.

Um “b” balbúcio ao quotidiano de Maputo



PATRÍCIA
Raphael

M
E
U

P
R
A
N
T
O

Faço poesia num momento de tristeza
Em que jamais existiu tão linda melodia
Mantive meus escritos engavetados...
Durante muito tempo...
Logo após publiquei pela primeira vez
Foi manuscrito por mim e datilografado por outro,
Tem sido maravilhoso...
Ser poetisa...
Estou gostando do meu trabalho
É gratificante para mim...
Faz-me recuperar belas histórias...
Um presente...
O mais gratificante...
Um grande grito de basta...
Desse modo de conquista...

Arranco do meu cotidiano...
De uma mulher sensível e culta,
Vivo recordações do passado...
Tornando-se forma poética...
Finalmente
Agradeço quem me incentivou
Ao prazer, felicidade, chance de poder me amar
mais...
Que por vez, aliviaria minhas tristezas...
Eternamente à espera de uma cura ou de um
milagre...
Estranho como a inocência é vazia,
Que meus desejos sejam levados...
Minha busca por lembranças
O que eu escrevo
São emoções fortes que sinto
Pensamentos a muito esquecido
Estou preste a explodir em choro
Encontro-me fragilizada e cheia de tristeza
Sem palavras
Sinto-me atormentada
A certeza de nunca estar onde estou...
Tenho me concentrado em minhas recordações
Pelo meu bom desempenho...
Responsabilidade...
Lembranças se completam
Coisas que nunca vou poder esquecer...
Estranho me torna uma poetisa...
Uma nova poetisa...
Voltar a escreve de novo...
Da mais pura arte
Um arranjo
Dedicações a mim...
Nunca se sabe não é?
Poderia ser doloroso...
Um recomeço...

dar o melhor de mim...

A loucura é minha...
A sinceridade é minha...
A luta é minha...
O futuro é meu...
A promessa é minha...
A conquista é minha...
A surpresa é minha...
A hora é minha...
O carinho é meu...
O outro lado é meu...
A força é minha...
A paixão é minha...
A promessa é minha...
A amizade é minha...
A coragem é minha...
A sutileza é minha...
O ficar é meu...
O sentimento é meu...
O pensamento é meu...
A provação é minha...
O desejo é meu...
O receio é meu...
O amanhã é meu...
A passagem é minha!

09
O Estilique

PATRÍCIA

Raphael

Thais Cristina da Costa
e
Jaime da Costa



A minha doce infância
na casa da Vó Eleane

O Estilique

SAMUEL *da* COSTA

“Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas...
Em sangue, abertas, escorrendo em rios”.

João da Cruz e Sousa

Para José Bento Rosa da Silva e José Luis P. Grandó

Adeus Gestalt

— Vai ficar aí parado na porta me olhando, por muito tempo? — Diz o pintor, sem parar de trabalhar em um quadro e sem olhar para quem acabara de entrar em seu ateliê. No ateliê, qua-

dros da escola do Romantismo com paisagens tropicais estavam espalhados por toda a parte. Índios de várias etnias: Tupinambá, Xukuru, Xavante, Kamayurá, Xocleng, Kayabí,

Wapichana, Terrena, Borroro, Macuxi e Kayapó, em cenas de caça e pesca. Índias banhando-se em rios, lagos e trançando o sisal, crianças indígenas brincando. O verde das matas e as co-

res fortes e vivas das araras predominavam, assim como as flores típicas da flora brasileira.

Missael reconheceu cada etnia, e não deixou de achar graça das cenas retratadas. Lembranças da infância passavam pela cabeça. Truncadas, mas vinham. Estar ali era como voltar ao passado, não muito distante. Missael Da Maia sentia-se em casa, pela primeira vez em anos.

— Não vou perguntar de novo promotor! — Diz Jonas Dhabi, que olhava Missael pelos cantos dos olhos e, com o pincel em uma das mãos, não disfarçava a impaciência da repentina visita.

— Passei para ver o amigo, só isso! — Era cordial o tom da voz de Missael.

— Sabes que não sou teu amigo. Sou amigo do teu pai, meu professor e mestre! — Era um tom áspero e impaciente na voz do pintor.

— Na minha terra, é a mesma coisa!

O pintor não pára de trabalhar,

de forma obstinada, em um quadro de tamanho natural, enquanto conversava com Missael. De fato, Jonas fora aluno do pai de Missael na universidade, quando cursava Belas artes.

— Teu pai foi um dos melhores professores que tive na vida guri. Fui discípulo dele no tempo que ainda era “enrabichado” pela Gestalt. O velho vivia me dizendo para largar todo aquele formalismo teuto de uma vez, e deixar aflorar toda a minha brasilidade. O teu pai adora esse troço chamado Brasil, guri. Ele não achava de bom tom uma pessoa como eu enveredar por essa escola. — Missael achou graça do trocadilho com a escola alemã, que o pintor fez. Em tempos circulavam rumores de um possível caso dele com uma professora de ascendência alemã que dava aula no curso de Letras, seguidora dessa linha de pensamento.

— Meu pai não dava aula de literatura alemã, nessa época, dava?

— “Dava” sim. Logo ele me dando um conselho desse tipo! Ainda lembro bem do dia em que ele me disse

com todas as letras: “Jonas, meu aluno... tu, com essa cor ébano, não podes ficar preso a esses preceitos formais da escola alemã... liberta-te desse formalismo teuto, e abraça a tua brasilidade de vez por todas, meu filho querido”.

— ...

— “Tas” rindo do que guri?

— Só pensando na cena!... O que tu fez depois dessa palestra?

— Como bom aluno que era, peguei o primeiro avião que pude e fui direto para Berlim. O resto é história, ou melhor, virou lenda ou mito. — Diz o pintor com certa amargura na voz.

Missael sabia de uma conversa velada, que circulou pelos corredores da universidade: uma agressão perpetrada por neonazistas a um aluno do seu pai. Uma agressão na velha Europa. Missael, só agora, sabia que fora Jonas o aluno agredido. Foi uma olhada rápida nas mãos do jovem artista. O promotor pode notar as perfurações, provavelmente feitas à bala, nas mãos de Jonas Dhabi.

— Mas, o que queres vindo aqui, afinal de contas? Eu sei que não és tão apaixonado por arte pictórica assim?

— A princípio, queria que largasse esse pincel abençoado, e me olhasse de frente! — O tom autoritário irritou o pintor. Jonas pára de pintar e mergulha o pincel em uma pequena tina de água, postada em uma bancada ao lado do cavalete que dá sustentação para tela que pintava. O pintor, então, tira o macacão que usava e limpa as mãos em um pano incrivelmente branco, que estava bem próximo. Ele sai da frente do cavalete e sugere, com uma das mãos, uma conversa na varanda do ateliê.

Andaram poucos metros. Jonas olhava perdidamente para o mar. Evitava olhar Missael de frente, pois tinha uma ideia do que estava por vir.

— Então essa é uma visita ofici-

al, promotor?

— Estive conversando com o...

— Estivesse no bar do Garraão, ontem à noite. Eu sei, caro promotor doutor “Japa”! Por aqui, as notícias correm bem rápido, essa ainda é uma cidade pequena. Mas, diz uma coisa de fato, o que tu querias provar indo lá? Que és homem de verdade? Tão homem como o teu pai fora na tua idade?

— Quem essa mulher... Kriseide?

— Disparou de vez. O tom de Missael inquiriu Jonas, pois se portara como se em um tribunal estivesse. Estupefato, Jonas não tinha palavras. Preferiu não pensar no óbvio. Mas tinha pena da figura trágica diante dele. Queria dizer muita coisa, mas preferiu um ato apenas. Pegou na mão de jovem promotor e o reconduziu de volta para o ateliê, para ver um quadro que terminara na

noite anterior.

Missael ficou estupefato com a cena, era um quadro renascentista, que reproduzia a noite anterior, com cores difusas, diferente dos outros quadros do ateliê. Essa tinha um leve tom da escola moderna. Uma mulher diáfana que parecia flutuar no ar. Sem dúvida, era a mulher do bar.

Missael sentiu uma leve fragrância de flores, um eflúvio sutil que pairava no ar. O jovem promotor, por um instante, pensou que a fragrância exalava do quadro.

— É essa mulher que viu ontem à noite, quando foi procurar o troglodita daquele policial militar, não foi? — Jonas se recusava em pronunciar o nome do policial Silveira — Estive trabalhando nesse quadro há semanas! Só agora ficou pronto, ou quase pronto.

T A N I A

O

M

É

Por
sobre
a paisagem
macua da infância
um beijo vagaroso
encaracola a memória.

H U M M U S

MEU MOÇAMBIQUE



Minha África suburbana.
Eu sei-me Moçambique,
cisterna no pecúlio dos deuses.
Um Zambeze inteiro escala a língua
escorre-me pelas pernas
ramifica nos canhoneiros,
laça os peixes inquietos nas sementes
engolfa-se nos mpipis bêbados nas timbilas.
Eu sei-me Moçambique,
no cume das árvores, na sede incontinente
da minha falange, do Rovuma ao Incomati,
no xigubo terrestre dos pés descalços
e em todos os tambores que surdem
das mãos coloridas nos braços em chaga.

O Estilingue

BIOGRAFIA

Tânia Tomé de 29 anos é de Moçambique. É cantora, compositora, poetisa, declamadora e apresentadora de espectáculos e televisão. Licenciada em Economia e Pós-graduada em Auditoria e Controlo Gestão.

VOZES DA FLORESTA

ANA PAULA

Kalantã



a quantas anda a
transposição do rio
São Francisco?

Com a transposição do Velho Chico, Rio São Francisco, o governo afirma que vai matar a sede do povo nordestino. Os críticos respondem que apenas 4% das águas serão destinadas à população do semi-árido. O receio dos indígenas em relação às grandes obras vem dos impactos causados pelas barragens construídas no rio, que fizeram desaparecer mais de 20 espécies de peixes, aves e plantas medicinais, e questionam o fato de não serem consultados formalmente pelo governo federal.

Antes das barragens, a agricultura praticada pelo povo Tumbalalá, era baseada na sazonalidade do rio, que adubava as terras de suas margens nos períodos de enchente. Essa era a economia desse povo e que, hoje, quase não tem como se manter.

O que está por traz da transposição são os grandes empresários, como os que produzem flores e camarão em longa escala. O Nordeste não tem problemas somente de água e, sim, de Políticas Públicas.

De acordo com o governo federal o projeto seria uma solução para o grave problema da seca no nordeste, pois distribuirá água a 390 municípios dos Estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte... E a seca dos vários municípios da Bahia? Como ficarão as milhares de famílias que sofrem com a falta de água?

A quantas anda a obra da Transposição? Quantas pessoas será preciso morrerem pra que prossigam?

O que podemos ver é que esse projeto não está respeitando ninguém. Não se começa uma casa a partir do

telhado pra baixo e, quem vai perder com tudo isso, vai ser o povo nordestino e sabemos que projetos como esse nunca são feitos para beneficiar os pobres.

O Rio + 20 que aconteceu nos dias 13 a 22 de junho foi, simplesmente, a repetição do que foi o Rio 92 que teve como principal tema a discussão sobre o desenvolvimento sustentável e sobre como reverter o atual processo de degradação ambiental. É preciso estar atento aos discursos das pessoas que governam esse país, que criticam a transposição desse projeto e não criticam a obra em si. Dizem que a transposição é importante para o Nordeste, mas também defendem a ampliação dos recursos financeiros e apoiam o grande lobby das indústrias que mandam neste país.

a ilha

Quem diria que lá no alto mar,
Um pedacinho de terra!
Com árvores e nascente de água doce!
Como um oásis no meio do oceano!
Poderia nos conceder tanto lazer!
Era ali que alguns espertos,
Pescavam o parati, a lagosta e o siri!
Faziam da pescaria um verdadeiro banquete!
Com direito a aguardente!
Fogueira, amor e diversão!
Era o que fazíamos todo verão!
Não existia maior alegria!
De arpão pescávamos até tubarão e o polvo com sua tinturaria,
Existia uma variedade de peixes!
Às vezes quando nada fazia, juntava-se búzios na areia!
Alguns pescadores diziam que ali viam até as sereias!



nasci pobre

Nasci pobre como muita gente,
E sempre senti o poder do dinheiro.
Ser pobre no Brasil é ser escravo,
E há quem diga que neste país não tem cativo.
Eu sinto a amargura de ser pobre,
E igual a mim sente-se muita gente.
Trabalha-se a vida inteira para os outros,
E nunca se consegue um salário decente.
Ser pobre é ser escravo, digo mais,
É não ter esperança no porvir,
E saber-se que sai governo e entra governo,
E que infelizmente vamos morrer assim.

Vivaldo Terres é poeta em Itajaí

Homenagem à mãe África

Oh minha querida mãe
Fazes parte do velho mundo!
Continente místico...
De conhecimentos profundos
Teus filhos não esqueceram
Dos teus cultos sagrados
Entre eles a Umbanda
Pois são todos abençoados
Oh minha querida mãe...
Te falo de coração!
Ao ler a tua história
Que se passou há dois séculos
Me traz indagação
Pois muitos dos teus filhos queridos
Deixavam o teu seio amado
Forçados a trocarem a liberdade
Para aqui serem escravizados
Transportados em navios
Com fome e acorrentados

Muitos deles morriam
Por esse péssimo estado
Sem falar da saudade
Dos seus entes queridos
Filhos lembrando de mães
Mulheres de seus maridos
Para o nosso país
É uma mancha que está sempre...
...presente!
Europeus endinheirados
Maltratando os inocentes
E brasileiros de mãos dadas
Com esse tipo de gente
Mãe África tu és pátria
Minha pátria tão querida
Enquanto vida eu tiver
Por mim...
...jamais serás esquecida!

vivalda

TERRRES

O Estilingue

Rua Joaçaba, nº 724

bairro São Vicente, Itajaí

Fone: 9126.4134

E-mail: contatorevistaoestilingue@gmail.com

Apoio Cultural:



Prefeitura
de Itajaí



Fundação Cultural de Itajaí



 Lifting Global Trade..
APM TERMINALS

Mansur Pinturas

mansurpinturas@hotmail.com

(48) 8447.9800 / 9909.0555



Fone: (47) 9988.4407

jornalcaleidoscopio@hotmail.com



VINHETA, ANUNCIO, CRIAÇÃO DE ÁUDIO,
EDIÇÃO DE VÍDEOS E MÚSICOS PARA CASAMENTOS,
FORMATURAS, ANIVERSÁRIOS E EVENTOS SOCIAIS.

(47) 9604.4551 / 8434.6637

rodrigoamo.musica@hotmail.com



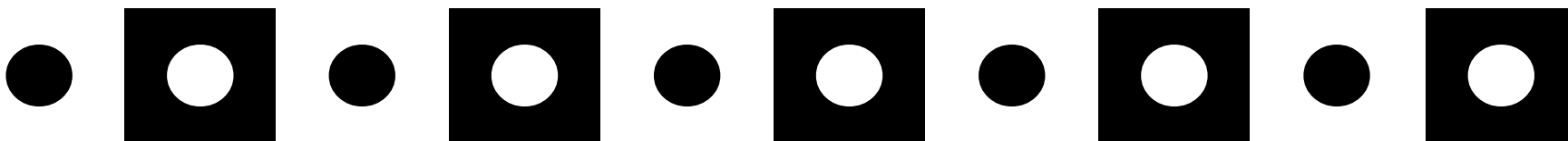
Intercalação *dos* lados

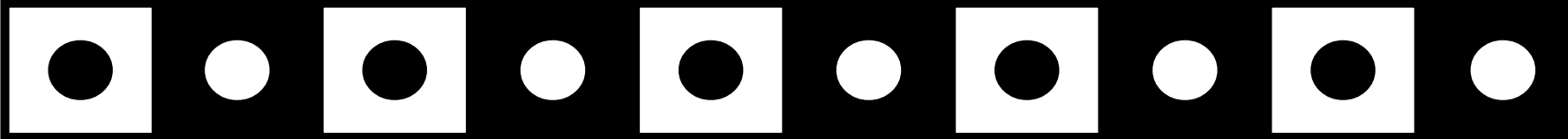
DENTRO:

Sufocante, escuro e pesado, minha alma carece de paz,
Mantê-la em lugar arejado, meu corpo úmido não é salubre ao meu ser.

Lateja minha consciência em preocupações nefastas.
Mas..., não se desesperem, guardem suas agonias para quando as cortinas fecharem.
Ademais, aproveitem o combate dos profanos em comissões indecorosas,
Deglutem da seiva da mentira e conclua idéias prontadas, o espetáculo ainda se estenderá.

Oh! Hollywood e Brasília brilham diante dos meus olhos como um pesadelo de bonecos de cera.
Sei que desta minha vida não acabarei bem,
O destino sempre me apresenta situações mesmas que me fazem querer separar-me do real.
Não gosto da vida, mas a enfrento como o operário, que gostando dela, a enfrenta.
E da sobra da sobra da sobra do pouco que chega, tento criar algo absurdo na província, a fim de acordar os sossegados de arte.





GIORDANO
Zaguini
FURTADO

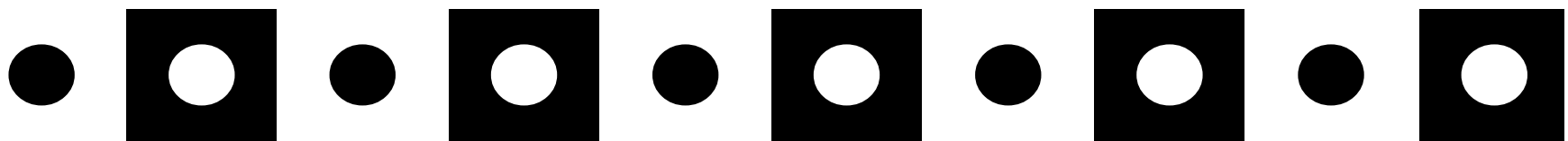
FORA:

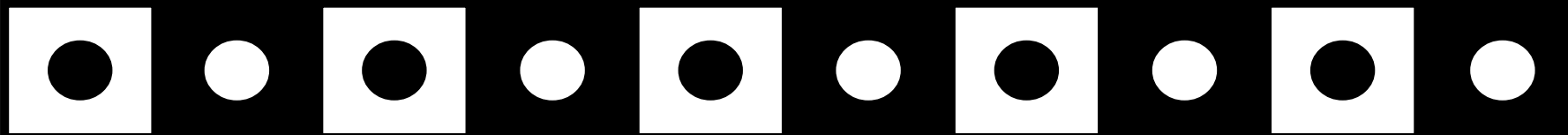
Digo hoje, com convicção que o pragmatismo político distante dos princípios ideológicos, corrompeu o Estado, castiga o Povo e incinera a Mata.

Saliento ainda, que a não abstração dos homens os tornam egoístas, não compreendendo idéias por, simplesmente, não conseguirem vê-las.

E passo por essas pessoas todos os dias e por elas sou vaiado. Ocupam posições de cunho estratégico para a população, gargalham um humor defasado e promiscuo ao atropelarem bicicletas por aí, sem se sensibilizarem com a vida humana.

Hei de crer eu em Deus pai todo poderoso, afinal quais são as perspectivas de nos salvarmos sozinho desse mar em rebuliço.

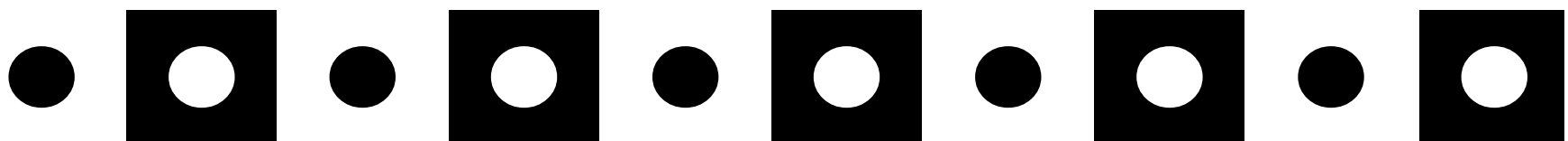




INTERCALAÇÃO **DOS LADOS**

Então, através do olho que é janela da alma,
minha alma se confunde com a imagem refletida,
na fossa da praia de Cabeçudas.
E de tanto ver o dentro e fora,
Minha vista restou cega e suicida.

*Giordano Zaguini Furtado é poeta e advogado em Itajaí
contato: giordanozf@hotmail.com*



josé luiz **GRANDO**

**Saudosa
África**

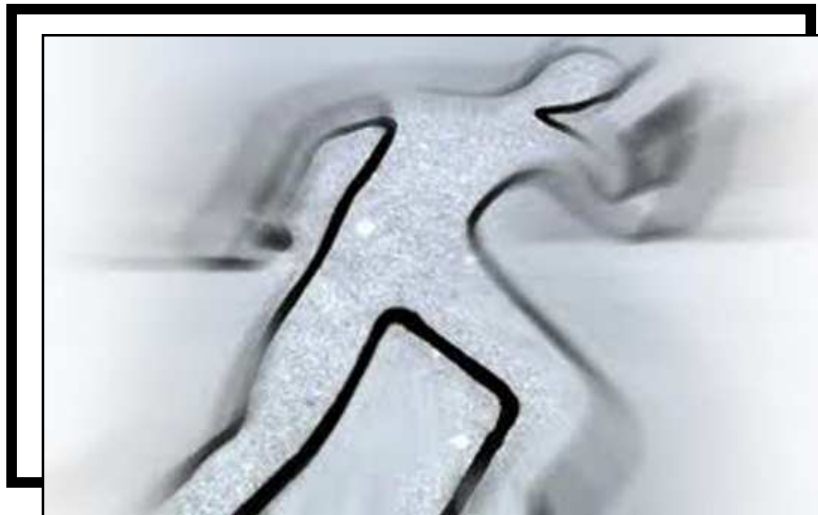
Saudosa e majestosa mãe África.
Com suas relvas e selvas...
Atravessa a imensidão da criação.
Saudosa e majestosa...
Criadora de culturas tribais recebe teus filhos!
Em um desfile infinito de alegria.
Saudosa nação em cores e tambores!
Se ouvem teus clamores.
Saudosa criação de centenas de anos.
Tribos e gritos ecoam na imensidão da savana.
Mãe África sofreu, com a escravidão!
E no mesmo chão renasceu...
Povo criador cultura que não morre...
Contemporânea, moderna, querida e nunca esquecida...
...mãe África.

José Luiz Grando é poeta e historiador em
Itajaí - contato: grandojl@yahoo.com.br

josé luiz GRANDO

VIOLÊNCIA

Perseverança de um povo que carrega a herança de ouro... Na pele, nos olhos, carrega teu futuro. Andamos, todos os dias pelas ruas de Itajaí com a mão no peito, de medo pela violência instalada em nossa cidade. Podemos sim diante de vários crimes violentos, no decorrer destes últimos três anos afirmar que a postura e a conduta, de trabalho por parte dos encarregados pela segurança pública de nossa cidade é desatenta e ineficaz. O preconceito que muitas pessoas sofrem, nas ruas poderia muito bem ser revertido em boas ações dos órgãos públicos. Continuamos aguardando respostas dos governantes ao alastramento e banalização do crime.



*José Luiz Grando é
poeta e historiador
em Itajaí*

Há tempos que algo em mim morreu e não renasce,
um feudo improdutivo, uma parte deserta
em algum lugar do ser todo coberto
Por brumas enegrecidas... Ah! queria que o sol não apagasse
A luz dos olhos castanhos que meus olhos admiraram
Enquanto morria, apenas observaram...
Terça parte em mim não mais floresce,
Não mais cria, não mais chora. No peito
O poeta sente árduo efeito
de fumar os própeios mágoas que a vida tece.
E o tresloucado poeta pensa: "é tudo passageiro,
Como as nuvens do céu verdadeiro!"
Oh! Algo faça esse campo germinar e florir,
Ter colibris sorridentes,
As abelhas, os cachorros, enfim, todos os animais contentes,
Para que seu eterno dono, também volte a sorrir!...
Se para conduzir o amor necessitasse um instrumento
Deveras que eu tocasse sem algum talento perceptível.
A fumaça que me inebria
É a mãe que me aquece
E do frio me esquenta,
Minha outra metade é totalmente fria e vazia...

SAMUEL
da
COSTA

Alma negra!
Em escombros
Negros ritos...
Negros prantos.
Ritos sagrados!
Em brancas brumas.
Black Soul!
And Black Vox
Alma negra!
Em Quixadá!
Negro pranto...
Nas ruas de Chicago!
Negro drama!
Negro choro!
Nas favelas do Brasil.
Negro drama nas savanas africanas.
Ou em Orange City!
Ou tiro certo na Amazônia colombiana
Negra sina
Em negro pranto
Nas ruas de Itajaí

DARK HORIZON

